

Redacção, Administração, Tipografia  
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar  
LISBOA—PORTUGAL  
TELEFONE 539 TRINDADE  
Officinas de Impressão e Estereotipia  
RUA DA ATALAIA, 114 e 116  
Este jornal não se publica às segundas-fei-  
ras.—Não se devolvem os originais.—Dos arti-  
gos publicados são responsáveis os seus autores.

# A BATALHA

Director: JOSE S. SANTOS ARRANHA  
Editor: CARLOS MARIA COELHO  
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL  
DO TRABALHO  
Aderente à Associação Internacional  
dos Trabalhadores  
Postagem: Inscrição no registo de correio  
Lisboa, nº 357; Provisão, 3 de 25 000;  
Africa Portuguesa, 5 de 75 000; Zaire, 14 de 100 000;  
6 meses 100 000.

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VII—N.º 2177 DIÁRIO DA MANHÃ PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA QUINTA FEIRA, 7 DE JANEIRO DE 1926

## O ESCÂNDALO DOS ESCÂNDALOS!

# Pretende-se com uma revolução estrangular a voz da Justiça!

**Os criminosos da alta finança e da reles política estão desmascarados.—António Maria da Silva, presidente do ministério—capa de ladrões.—Elementos políticos conservadores afectos aos falsários do Banco de Portugal e do Ultramarino preparam na sombra uma revolução destinada a liquidar os que apontam ao povo o nome dos maiores criminosos!—Não esqueçamos que António Maria da Silva é o mais hábil empresário de revoluções tenebrosas**

Os homens dos Bancos tiveram para com *A Batalha* uma atitude que nos curaria de cegueira, se porventura, nesta questão, não tivéssemos tido desde o princípio os olhos muito abertos: compraram-na. *A Batalha*, o seu suplemento de anteontem, contendo o discurso na íntegra do deputado socialista sr. Amâncio de Alpoim, foi adquirido na Baixa, no maior número possível de exemplares, por emissários dos Bancos que ainda supõem que este escândalo que os afoga em lama pode ser abafado pelo seu oiro.

Porque publicou *A Batalha* o discurso que acusava o Banco de Portugal? Publicou-o, porque a imprensa burguesa, sem distinção de matizes políticos, se coligara para que ele ficasse desconhecido de todo o país; publicou-o porque ele confirmava em absoluto a nossa campanha, reforçava-a com a autoridade incontestável dum homem que pertence ao parlamento e é ainda um dos administradores da Caixa Geral dos Depósitos; publicou-o para que os trabalhadores soubessem de que lama são feitos os seus exploradores e os seus carrascos; publicou-o demonstrando que as nossas acusações são verdadeiras, que os do Banco de Portugal são uns falsários que, desvalorizando a moeda, diminuem os nossos salários; publicou-o para demonstrar que a sociedade burguesa é composta de várias quadrilhas de ladrões que entre si disputam a nossa pele, o nosso sangue e a nossa camisa e que todas elas absorvem todas as nossas energias e nos dão em troca as deportações, os espancamentos e os assassinatos sem julgamento.

Publicando este discurso *A Batalha* honrou-se, honrando a causa que defende e as classes de que é órgão, demonstrando que é o único jornal que não tem com ladrões e assassinos a menor complicitade. E desde já advertimos que a nossa voz não se cala; aqui a coragem não é uma figura de retórica e os bandalhos que são «os homens de bem» sabem muito bem que para nós o seu cofre não tem a menor influência. E de resto ninguém quereria sofrer o desaire de ir violentamente pelas escadas abaixo que era esta a única resposta que a pesar da nossa correção, saberíamos dar a laiaios que julguem que a moral desta casa é a de João Pereira da Rosa ou que *A Batalha* é, como *O Século*, um órgão de exploradores.

E é tão grande a nossa força moral, são tão verdadeiros os factos esmagadores, até hoje apontados que nenhuma grilheta ousou atacar-nos nas colunas duma imprensa cuja moral não tem comparação com a dos lupanares do bairro aqui próximo.

**E' preciso que o povo fique bem elucidado**

Esta campanha teve desde o primeiro dia um grande objectivo social: desmascarar os que roubam os trabalhadores e apontar-lhes a podridão em que se encontra uma sociedade que diári-

mente os rouba e os assassina. Quisemos ainda fazer salientar que em Portugal só há uma única classe limpa de mãos e de processos, vivendo unicamente do que trabalha. Hoje, embora continuemos zurdindo, sem piedade, os falsários e os ladrões, podemos, e sem a menor porção de vaidade, gritar a plenos pulmões que fizemos a esta sociedade uma autópsia vigorosa, cheia de factos, uma autópsia que compromete a sua existência, uma autópsia que prova, e prova sem contestação, que a maioria das pessoas que aí se estadeia, de automóveis luxuosos, é composta de ladrões, de ladrões não à face do nosso critério de justiça, mas à face das próprias leis burguesas. Os homens que em nome dos Códigos nos impedem o direito à vida, são à face dos mesmos códigos ladrões autênticos. A sociedade burguesa é uma sociedade de prediários. A própria moral burguesa que assentava em muitas corrupções e que sancionava muitas iniquidades, corrompeu-se de tal modo, desceu tanto que se condenou a si mesma. E se aparece algum burguês honesto a burguesia dos capitalistas alcinha-o de doido—é esse o caso do juiz Pinto de Magalhães, que supôs que os burgueses ainda aplicavam a si mesmos aquelas leis que eles decretaram para tornar possível a manutenção desta sociedade em que predominam indivíduos que parecem ter sido gerados para todas as penitências morais e materiais.

O caso do Angola e Metrópole é restrito para a nossa campanha. Não foi para tratar exclusivamente dessa burla que iniciámos esta série de artigos em que a violência brota dos factos e as palavras são apenas os sinais indicadores duma podridão que envolve tudo e todos.

Foi para fazermos o processo a todos esses bandos de rapinantes que saíram da guerra, foi para revelar que a vida portuguesa assenta no roubo e no crime impune; foi ainda para estilharmos todas essas reputações falsas que à custa da miséria dum povo têm vivido e enriquecido. Quisemos demonstrar, finalmente, que o Estado é cúmplice de todos esses bandos e os políticos uns meros caixeiros submissos e corrompidos. E conseguimos provar todas estas tremendas acusações. De hoje em diante nenhum trabalhador pode alegar ignorância ou afirmar que ninguém lhe disse o que era a mentira da finança, a mentira da política e a mentira da imprensa.

**António Maria — capa de ladrões**

As declarações do dr. Pinto de Magalhães confirmam em absoluto, sem a alteração dum pormento, tudo quanto vimos dizendo sobre o caso do Angola e Metrópole e a ligação que este tem com o Banco de Portugal. Eles estão culpados. O país já o sabe, e é tarde para se pôr pedra sobre o assunto. Todas as tentativas de protecção aos grandes criminosos, cujos nomes mais

conhecidos são os de Inocêncio Camacho e Mota Gomes, resultarão inúteis, senão contraproducentes.

Entretanto, o que está mais do que provado é que a pessoa que há poucos dias afirmou no parlamento que «o governo não é capa de ladrões» se tem empenhado comprometedoramente em encobri-los. O sr. António Maria da Silva tentou imiscuir-se nas investigações para desviar o dr. Pinto de Magalhães do caminho da verdade. O sr. António Maria da Silva está «sendo capa de ladrões». Quem encobre ladrões iguala-se aos ladrões. Quem se solidariza com ladrões—é ladrão também.

Examinem-se com atenção as declarações do dr. Pinto de Magalhães e compreender-se-á que, neste país, os governantes cometem o crime, pelo qual são responsáveis, de proteger criminosos. Toda a gente honesta tem o direito de exigir responsabilidades a esse fantoche da política, de barba à criminoso célebre, que, num impudor, ultrajante para todos nós, se permitiu gaguejar um discurso que outro objectivo não teve senão o de salvar da cadeia ou do degredo os criminosos, os falsários que se acotam na administração do Banco de Portugal e lá mastigam o dinheiro que é trabalho, que é sangue, que é a própria vida dum povo sacrificado.

Perante a atitude impudica dum presidente de ministério cúmplice de ladrões e falsários, é lícito perguntar: Onde se meteu a vergonha? Onde está a gente honrada deste país?

**Os grandes ladrões estão à solta**

As declarações que o dr. Pinto de Magalhães fez ontem à Tarde são concludentes. Sem mais delongas vamos transcrever as passagens que neste momento nos interessam:

— Não há juiz nenhum no meu país—diz o dr. Pinto de Magalhães—homem de carácter recto, que não julgue suficientes para a pronúncia os elementos que no processo existem contra o governador e vice-governador do Banco de Portugal. O próprio governo está convencido disso, pois na reunião do conselho de ministros em que expuz as conclusões dos meus trabalhos quatro ministros manifestaram-se pela prisão imediata dos dois. A maioria porém foi de parecer que antes de se efectuar a prisão, deviam ser substituídos, ficando o sr. ministro das Finanças de o fazer rapidamente. Foi por isso que eles não foram presos logo a seguir. Se o fôsem já a esta hora tudo estava esclarecido— a sua culpabilidade ou inculpabilidade.

— Mas o sr. António Maria da Silva não ratificou a v. ex.ª a confiança?

— Sim. O sr. António Maria da Silva prometeu-me tudo... Este mundo e o outro. Para isso bastava... seguir as suas indicações.

— As suas indicações?

— Sim. O sr. António Maria da Silva, esquecendo-se da sua situação de ministro, procurou intrrometer-se nas investigações, orientando-as a seu belo prazer. Como eu não me esqueço do que devo à minha dignidade e à magistratura a que pertencia... substituiu-me.

São bem claros os intuitos de António Maria da Silva—homem tenebroso de mentalidade restrita, a quem o país deve várias revoluções fratricidas e uma boa parte da sua ruína.

**Prepara-se uma revolução vergonhosa**

E os intuitos de António Maria da Silva são tão tenebrosos que, se os ligarmos a uma informação que em boa fonte colhe-mos, o plano maquiavélico patenteia-se claro ante os nossos olhos.

Somos informados de que uma revolução está sendo preparada activamente. Dentro de 24 ou 48 horas talvez o povo português acorde perante o triunfo completo do crime.

Sabemos quais são os elementos que nessa revolução colaboram. São todos os afectos ao Banco de Portugal.

Quais os intuitos desse movimento imoral, vergonhoso, previamente condenado pela opinião pública? Bem simples são: salvar os grandes falsários do Banco de Portugal e do Banco Ultramarino. Como? Fazendo desaparecer as criaturas que descobrem o jogo infame e, entre elas, Alves dos Reis e José Bandeira, que podem comprometer muita gente.

Lançamos a público esta prevenção. O povo que saiba responder ao crime com energia e decisão. Seria o cúmulo dos cúmulos que os ladrões, os bandidos praticassem toda a casta de infâmias e, quando a opinião pública começa a censurá-los, lhe puzessem a mordida sangrenta de uma revolução paga com o dinheiro de todos os roubos e de todas as falsificações. Seria o cúmulo!

Quando terminará esta era de imoralidade e de abjecção Quando?

Um país que chega a tal estado de cousas — é um país perdido. E' um país perdido senão tiver forças para reagir e para acabar, neste momento máximo, com todos os crimes e todas as traições.

Neste momento incerto em que nas alforjas políticas e financeiras criminosas, se planeia o último assalto à garganta da nação para que não proteste, para que não comente as fraudes, para que não insulte os bandidos—confiamos esperanças na energia popular.

Povo, defende-te!

## A miserável obra dum bando de abutres está produzindo os seus funestos efeitos

De norte a sul do país, das aldeias sertanejas às cidades mais movimentadas ergue-se neste momento, único na história, um grito clamoroso, eleva-se nesta conjuntura a voz dos que têm fome! A situação económica dos que mourejam não pode ser mais grave, não pode ser mais desesperada. Nem um único recurso resta aos que vivem dum trabalho pobre, nem uma única esperança ilumina esses espectros que gritam sua desdita.

A miséria; que foi sempre companheira inseparável desses párias, nos últimos meses agravou-se assustadoramente! Há lares onde há meses não raia a mais leve alegria. Há tugúrios, donde há muito tempo foi proscrita a felicidade. Há famílias que vegetam numa existência de dor, uma existência que conflagra e arde.

Há centenas de chefes de família que há longas semanas não vencem um centavo, que há largos meses não têm onde empregar a sua actividade. Todas as tentativas que fizeram para conseguir trabalho, todos os esforços empregados no sentido de lhes ser facultados uns meios de ganharem a vida resultaram completamente inúteis, resultaram em desilusões para os desgraçados. Vencidos todos os meios, esgotados todos os recursos, até o recurso de implorar a caridade pública, que é o mais aviltante recurso que resta aos miseráveis, essa legião dos que tem fome, esse quasi exército de famintos, não tardara que tenha que lançar mão dos recursos dos «inocentes» para não succumbir aos efeitos sinistros da fome!

Nenhum governo, nenhum dos parlamentos, nem dos parlamentares, se tem preocupado com o gravíssimo problema da crise de trabalho, causa particular do flagelo a que nos estamos referindo. E como esse problema não mereceu, não merece, nem merecerá o cuidado dos homens da administração pública ele dia a dia tende a agravar-se, ele dia a dia vai arrastando na voragem mais vítimas, vai aumentando essa trágica legião!

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**O Xavier hipocrita**

O Diário da Tarde, em obediência aos interesses inconfessáveis do director geral da Fazenda Pública, que o orienta, dizia ontem que no discurso do dr. Amâncio de Alpoim contra a criminosa administração do Banco de Portugal, andavam intuitos comunistas. Lê-se aquilo e vê-se logo a hipocrisia, o espírito pequenino, rasteiro do orientador da gazeta. Intuitos comunistas num discurso dum socialista—é bom. Mas sempre baralhando, o estupor—porque o Xavier é apenas um estupor—diz que só um jornal comunista (ele queria dizer socialista, o ignorante!) publicou o aludido discurso na íntegra, porque o texto previamente não fora fornecido. E o Diário de Notícias, que também possui uma cópia desse discurso na íntegra, porque não o publicou? O que o homenzinho queria dizer, e isso percebemos, é que se devia amargar *A Batalha* para que a verdade não fosse conhecida.

Ai, se nós apanhássemos um momento de descanso e de paciência os leitores vão ver como o Xavier baila. Vão vêr!

**Generosidade...**

Nem sempre as «forças vivas» são ingratas. Elas roubam o povo, é certo, mas também pagam com largueza a quem com largueza as serve. No início da «patriótica» campanha do Século, o sr. Pereira da Rosa fazia ao ministério dos Negócios Estrangeiros amáveis visitas e conferenciava com o sr. Vasco Borges. O Século bebeu na fonte daquele ministério, em documentos confidenciais, bastantes elementos para a sua campanha. Ora, o sr. Pereira da Rosa deu ao sr. Vasco Borges um encanador automóvel Chevrolet, de cuja marca é representante em Portugal. Foi ainda o «chauffeur» do sr. Pereira da Rosa quem ensinou o ministro dos Estrangeiros a guiar o carro. E tanto aproveitou o inteligente estadista das lições que, há pouco tempo, atropelou uma pessoa...

O carro que é bonito, na verdade, repõe na garage daquele ministério e utiliza gasolina, óleo e chauffeur pagos pelo Estado.

E' incontestável: as «forças vivas» são generosas...

**Memórias do repórter X**

O jornalista Reinaldo Ferreira, popularizado com o pseudónimo de Repórter X, quando da sua campanha sobre a Ditadura Espanhola e que actualmente publica no A B C uma reportagem sobre a Rússia dos Soviéticos, de regresso a Portugal, fechou contrato com um conhecido editor do Pôrto para a publicação de uma série de volumes sobre o nome genérico de Memórias do Repórter X, onde se fixará a sua vida aventureira de repórter cosmopolita.

Os dois primeiros volumes dessa série publicaram-se há ainda este mês, intitulando-se: «O primeiro volume de uma série de Memórias do Repórter X» e «O segundo volume de uma série de Memórias do Repórter X».

Passados dias veio a averiguar-se que esse lote de acções estava com outros papéis de crédito, empenhado no Monte-pio Geral e era pertença do Banco Nacional Ultramarino.

Edificante, hein?

**Preguntas inocentes**

Permitam-nos, presados leitores, que sabendo de antemão que não obtemos respostas façamos aqui algumas perguntas inocentes (Camacho):

Teria tido o sr. Camacho, em tempos negados com a Holanda? E não teria utilizado nesses negócios um tal sr. Errano, coxo, irmão de um serrano que possuía uma farmácia na rua São Lazaro? E por causa desse negócio não teria sido apresentada na polícia uma queixa contra o sr. Inocêncio?

lidariedade, é bem a situação de todo o operário que teve a infelicidade de não nascer «inocente», que teve a desdita de nascer — ra ser roubado!

## Algumas considerações sobre a próxima Conferência Inter-sindical do Pôrto

Nos próximos sábado e domingo, realizar-se-á, afinal, a anunciada Conferência Inter-sindical do Pôrto.

Se não fosse a grande dose de preguiça que neutralizou lamentavelmente a vontade de muitos militantes que deveriam ser os primeiros a dar o exemplo; se não fosse os graves erros de uns, que originaram o torpe levantamento da poeira de suspeições em que tentam envolver outros; se houvesse mais um pouquinho de amor pelas ideias de emancipação humana e menos prosápia nas disposições dos desprestigiados individuais—certamente que a Conferência Inter-sindical já se teria realizado há muito, estando hoje a organização operária a sentir, salutarmente, os belos frutos duma boa obra levada a cabo...

Infelizmente as tricas personalistas de «galos» que se debatem, dando um aspecto ridículo à acção sindical; a rede de intrigas e traições dos que, não tendo ideias no cérebro, têm contudo estúpidas vaidades no jorralismo pessoal de alguns e na alma de outros instintos derrotistas para que o federalismo libertário, autonomista e federalista, desabe em proveito do alargamento político dos «nos-elecoiristas»—não deixaram que há mais tempo se efectuasse a reunião magna dos sindicatos e militantes do operariado do Pôrto.

Após tantos meses de maturação, em que alguns fugiram aos seus compromissos tomados—vai-se, enfim, efectuar a tão longamente anunciada Conferência Inter-sindical.

Nós apeteçamos que essa Conferência não necessária delimite uma nova época de despertar das energias adormecidas; nós auguramos que essa Conferência seja um esplendoroso aurore de ressurgimentos individuais e colectivos que impulsionem seguramente a boa marcha da organização operária e revolucionária!

Que a Conferência não marque pela abundância das teses a discutir, não há nisso grande mal, o que é indispensável é que ela represente o início deslumbrador dum aperfeiçoamento de ética individual e sindical; que ela signifique um feliz arrepareamento por um caminho recto de inteireza de carácter e de convicção idealista, colocando-se acima do orgulho dos homens os fulgurantes princípios de renovação social.

Que a Conferência não brilhe pela quantidade, mas que cintile pela luz, purificadora da sua qualidade—em cuja chama ignota se queime para sempre os maus hábitos dos «anavalhamentos» pessoais, para só ficar o bom costume de se cuidar os problemas económicos, profissionais e sociais pelo seu aspecto ideal e sociológico, moral e doutrinar.

Já vem de longa data o axioma: «mais vale poucos e bons, do que muitos e maus».

Assim, se a Conferência Inter-sindical se impuser pela sua serenidade, abstraindo-se do «soalheiro» personalista; se promulgar conscienciosamente a constituição da Câmara Sindical do Trabalho que venha

C. V. S.

## As inundações na Holanda cobrem uma grande parte do território

HAIA, 6.—Os jornais mostram-se alarmados com a gravidade das inundações, que cobrem actualmente 15 por cento do território holandês. Supõe-se que tal gravidade seja motivada pela rutura dum dique. As autoridades têm organizado serviços especiais de salvamento de pessoas e haveres.

## Um príncipe que também é «inocente»

BUDAPEST, 6.—O Príncipe Windischgröetz confessou a sua participação no escândalo da falsificação das notas de banco francesas, tendo sido presos vários cúmplices. Numerosas personalidades estão vigiadas pela polícia e algumas delas já detidas para averiguações.

## MALAS POSTAIS

Pelo paquete «São Miguel» são amanhã 8, expedidas malas postais para a ilha da Madeira e Arquipélago dos Açores e sendo da caixa geral a última tiragem de correspondências registadas às 17,50 de noite e das ordinárias até às 7 horas de amanhã.



## O FORMIDÁVEL INCENDIO DOS CORREIOS E TELÉGRAFOS DE COIMBRA

A Câmara, responsável do sinistro, descansa sobre a impunidade

COIMBRA, 4.—Continua sendo o assunto de todas as conversas, o incêndio que na madrugada de 1 destruiu por completo o edifício dos Correios e Telégrafos.

A local de A Batalha, noticiando o sinistro, tem sido apreciada pela sua imparcialidade e, mormente, pelas justas reações que faz à vergonhosa atitude mantida pela imprensa local em face do conflito existente entre a Câmara Municipal e o seu corpo de bombeiros.

A opinião pública é unânime em atribuir à Câmara todas as responsabilidades do sinistro, pela desastrosa solução dada ao conflito dos bombeiros. Para que os leitores avaliem a justiça das nossas palavras, tornando a Câmara responsável pelas consequências do incêndio, transcrevemos de O Diário de Notícias de 3, o seguinte período do seu enviado especial:

«O último incêndio, o de ontem, está constituindo o assunto obrigatório de todas as conversas, sendo quase unânimes os comentários desagradáveis a uma «política bombeira» que ultimamente se desenrolou nesta cidade, da qual resultou serem retirados do serviço activo 24 bombeiros municipais. Em vista disso, há pouco mais de uma dúzia prontos a comparecer nos fogos, valendo, por assim dizer, a Coimbra, os denodados esforços da corporação dos bombeiros voluntários, comimbricenses e não comimbricenses, lamentando justificadamente este estado de coisas, afirmando que, se tal mal não existisse, o fogo de ontem não teria tomado tão grande incremento».

Quando se deu pelo incêndio uma telefonista comunicou imediatamente para a Inspeção de Incêndios, pedindo socorros, não obtendo resposta. Só muito depois dos bombeiros voluntários terem montado o serviço é que compareceu o material da Inspeção.

Porque tanta demora?

Porque antes da existência do conflito o piquete de prevenção durante a noite era composto por quatro homens, que se revejavam junto do telefone, para atender a qualquer chamada. Hoje, esse piquete é feito por dois homens apenas, bombeiros de fresta dada, e que, por conseguinte, quando reclamaram socorros... deviam estar dormindo!

Após o alarme de fogo, um grupo de populares, num desejo muito natural de auxílio, foram à estação n.º 1, junto ao quartel da G. N. R. buscar uma bomba e mais material dos municipais, tendo que arrombar a porta, devido a não estar pessoal algum de piquete.

Pois esse material jazeu abandonado junto ao incêndio, por não haver quem trabalhasse com ele!

Julgamos estes factos mais que suficientes para demonstrar que os bombeiros expulsos fizeram enorme falta no ataque ao incêndio.

E que tem feito a câmara ante esta grave conjectura?

Já dá providências a evitar-se de futuro a repetição de calamidades como esta?

Já deu qualquer satisfação à população sobre este melindroso caso?

Nada! Para a melhor parte que tudo tem corrido na melhor dos mundos, que nada de anormal ali não ignora que toda a população está possuída duma surda indignação contra a sua obra.

A não ser que esteja confiada na demasiada passividade deste povo que tudo tolera.

Mas... que se acatele! Que o povo de Coimbra já tem demonstrado de sobre que, se é grande a sua paciência, também a sua cólera é enorme quando se dispõe a vir à rua pugnar pelos seus direitos!

Em nosso entender, o povo devia já comparecer em massa na próxima sessão camarária, na quinta-feira, na qual serão distribuídos os papeis à nova comissão administrativa, e aí, impor-se, exigindo da parte dos senhores vereadores um pouco mais de respeito pela segurança e pelas vidas duma população inteira.

Imponha-se o povo, trate de directamente fazer valer os seus direitos e veremos depois se o processo não dá resultado...

O pessoal dos correios espera-se pela normalização dos serviços

Os serviços de correio podem considerar-se normalizados, já hoje foi restabelecido todo o serviço de registos, vales, encomendas, etc.

A distribuição de correspondência também já hoje foi feita da forma do costume. O serviço telegráfico tem melhorado sensivelmente, contando-se que por estes dias fique completamente normalizado.

Como já dissemos, todo o serviço de correio está instalado no edifício da Associação dos Artistas, onde se expedem também os telegramas, apesar do telegrafo estar funcionando numa dependência dos Paços do Concelho.

O serviço telefónico é que é de mais difícil normalização, sendo natural que nestes primeiros meses estejamos privados de telefones. Esta demora depende, porém, da chegada de aparelhos encomendados no estrangeiro.

É digno dos maiores encômios todo o pessoal dos correios, especialmente guardafios, pelo trabalho extenuante que têm tido nestes últimos dias, tendentes à rápida normalização dos serviços.

No incêndio alguns guardafios ficaram prejudicados pela perda de objectos de valor, que foi impossível salvarem-se. Assim, alguns perderam ferramentas de carpinteiro, que hoje são caríssimas. Também se perderam três «bicicletas» e uma capa de borracha.

Era justo que a administração dos correios indenizasse estes seus humildes funcionários, que apenas do seu salário vivem, e que, se tinham no edifício aqueles objectos, era para melhor desempenho da sua arriscada missão.

Contamos que, pela justiça que encerra, este apelo seja atendido, o que só honrará os funcionários superiores dos correios.

A haiz vingança exercida sobre o correspondente de «O Jornal do Bombeiro»

Sobre a notícia que demos da prisão do operário José de Almeida, correspondente de «O Jornal do Bombeiro», temos a confirmar em absoluto as nossas palavras, atribuindo aquela prisão a uma mesquinha vingança do inspector de incêndios, capitão Albuquerque.

Como o correspondente daquele jornal tem atacado a atitude mantida pelo inspector ante o conflito camarário, atribuindo

muito justamente àquele indivíduo as principais responsabilidades na expulsão dos bombeiros, o inspector aproveitou-se «be-lamente» da confusão do incêndio para mandar prender o referido correspondente.

Este, que esteve preso dois dias, foi posto em liberdade sem lhe explicarem o motivo da sua detenção!

O mais interessante neste caso é que, tendo ido uma comissão de bombeiros junto do inspector da polícia, solicitar-lhe a liberdade do preso, aquela autoridade respondeu que podiam ir desenganados, que o preso iria em liberdade no dia seguinte e que aquela prisão era apenas para o detido de futuro «ter mais cuidado com a língua»...

Este sr. inspector sempre tem cada uma... Então os casos de imprensa são resolvidos, agora, por qualquer boçal polícia? Ou teremos «contágio» à Ferreira do Amaral?... C.

## AGREMIACÕES VARIAS

Professores de Ensino Particular.

—Os corpos gerentes resolveram remodelar a agremiação, dando-lhe um carácter moderno e progressivo e intensificando a maneira de agir, por meio de conferências científicas, pedagógicas e literárias, pela publicação de um jornal e pela reorganização da biblioteca. E, para levar a cabo a sua iniciativa, convocaram para hoje na sede associativa, rua da Madalena, 225, uma reunião magna, na qual se apreciarão as bases da reforma a executar.

Associação dos Jardins-Escolas João de Deus.—No próximo domingo reúne pelas 14 horas e meia, a assembleia geral desta Associação para discussão e aprovação dos Relatórios da gerência dos anos sociais de 1923-1924 e 1924-1925 e discussão e votação da reforma dos Estatutos apresentada pela Comissão nomeada na última assembleia geral. Não comparecendo suficiente número de sócios a reunião, realizar-se-á no domingo 17, à mesma hora.

Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais do Porto.—Com o fim de estudar e assentar nas bases constitutivas deste organismo, que há-de ligar todas as Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais do Porto e arredores, assim como outros organismos de educação social, acabou de se formar em comissão os camadas Adolfo de Freitas, Mário Ferreira e José Inácio Martins.

Esta comissão vai officiar a todos os organismos afins com o programa de educação racionalista para e fazerem representar numa sessão preparatória que se deve realizar hoje, pelas 20 horas, no Sindicato Metalúrgico, à rua de Camões, 364. Se por lapso não for convidado qualquer organismo que perfilhe ou adote o método racionalista, fica por esta notificação habilitado a comparecer.

Grémio dos Funcionários do Município de Lisboa.—Reuniu a direcção deste Grémio, dando posse à Comissão de Melhoramentos, tendo deliberado que imediatamente se trate junto da actual verbação, a fim de que a Reorganização dos Serviços Municipais aprovada em 14 de Março de 1923, seja posta em execução na íntegra, bem como resolver protestar contra o facto de um funcionário contratado ter proposto castigos que foram aplicados a três funcionários do quadro. A direcção reúne hoje, pelas 21 horas, na sede do Grémio.

Associação Protectora da Primeira Infância.—Comemorando o 24.º aniversário da sua fundação realiza no próximo domingo, às 15 horas, uma sessão solene.

## DESPORTOS

Liga Operária de Desportos Atleticos

Foram marcados para o próximo domingo os seguintes desafios:

1.ª Categorias: Boa Hora-Nacional, às 15 horas, Campo Belem; arbitro, José Barros. 2.ª Categorias: Vendedores-Luzitano, às 15 horas, Campo Salesias, arbitro, António Carvalho. 3.ª Categorias: 1.ª série: Vendedores-Casalinho, às 11 horas, Junqueira, arbitro, Américo Santos. 2.ª série: Vendeiros-Casalinho, às 11 horas, Salesias, arbitro, Américo Santos. 3.ª série: Vendeiros-Casalinho, às 11 horas, Salesias, arbitro, Américo Santos. 4.ª série: Vendeiros-Casalinho, às 11 horas, Salesias, arbitro, Américo Santos. 5.ª série: Vendeiros-Casalinho, às 11 horas, Salesias, arbitro, Américo Santos. 6.ª série: Vendeiros-Casalinho, às 11 horas, Salesias, arbitro, Américo Santos. 7.ª série: Vendeiros-Casalinho, às 11 horas, Salesias, arbitro, Américo Santos. 8.ª série: Vendeiros-Casalinho, às 11 horas, Salesias, arbitro, Américo Santos. 9.ª série: Vendeiros-Casalinho, às 11 horas, Salesias, arbitro, Américo Santos. 10.ª série: Vendeiros-Casalinho, às 11 horas, Salesias, arbitro, Américo Santos.

Como já dissemos, todo o serviço de correio está instalado no edifício da Associação dos Artistas, onde se expedem também os telegramas, apesar do telegrafo estar funcionando numa dependência dos Paços do Concelho.

O serviço telefónico é que é de mais difícil normalização, sendo natural que nestes primeiros meses estejamos privados de telefones. Esta demora depende, porém, da chegada de aparelhos encomendados no estrangeiro.

É digno dos maiores encômios todo o pessoal dos correios, especialmente guardafios, pelo trabalho extenuante que têm tido nestes últimos dias, tendentes à rápida normalização dos serviços.

No incêndio alguns guardafios ficaram prejudicados pela perda de objectos de valor, que foi impossível salvarem-se. Assim, alguns perderam ferramentas de carpinteiro, que hoje são caríssimas. Também se perderam três «bicicletas» e uma capa de borracha.

Era justo que a administração dos correios indenizasse estes seus humildes funcionários, que apenas do seu salário vivem, e que, se tinham no edifício aqueles objectos, era para melhor desempenho da sua arriscada missão.

Contamos que, pela justiça que encerra, este apelo seja atendido, o que só honrará os funcionários superiores dos correios.

A haiz vingança exercida sobre o correspondente de «O Jornal do Bombeiro»

Sobre a notícia que demos da prisão do operário José de Almeida, correspondente de «O Jornal do Bombeiro», temos a confirmar em absoluto as nossas palavras, atribuindo aquela prisão a uma mesquinha vingança do inspector de incêndios, capitão Albuquerque.

Como o correspondente daquele jornal tem atacado a atitude mantida pelo inspector ante o conflito camarário, atribuindo

muito justamente àquele indivíduo as principais responsabilidades na expulsão dos bombeiros, o inspector aproveitou-se «be-lamente» da confusão do incêndio para mandar prender o referido correspondente.

Este, que esteve preso dois dias, foi posto em liberdade sem lhe explicarem o motivo da sua detenção!

O mais interessante neste caso é que, tendo ido uma comissão de bombeiros junto do inspector da polícia, solicitar-lhe a liberdade do preso, aquela autoridade respondeu que podiam ir desenganados, que o preso iria em liberdade no dia seguinte e que aquela prisão era apenas para o detido de futuro «ter mais cuidado com a língua»...

Este sr. inspector sempre tem cada uma... Então os casos de imprensa são resolvidos, agora, por qualquer boçal polícia? Ou teremos «contágio» à Ferreira do Amaral?... C.

Associação dos Jardins-Escolas João de Deus.—No próximo domingo reúne pelas 14 horas e meia, a assembleia geral desta Associação para discussão e aprovação dos Relatórios da gerência dos anos sociais de 1923-1924 e 1924-1925 e discussão e votação da reforma dos Estatutos apresentada pela Comissão nomeada na última assembleia geral. Não comparecendo suficiente número de sócios a reunião, realizar-se-á no domingo 17, à mesma hora.

Federação das Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais do Porto.—Com o fim de estudar e assentar nas bases constitutivas deste organismo, que há-de ligar todas as Escolas e Bibliotecas de Estudos Sociais do Porto e arredores, assim como outros organismos de educação social, acabou de se formar em comissão os camadas Adolfo de Freitas, Mário Ferreira e José Inácio Martins.

Esta comissão vai officiar a todos os organismos afins com o programa de educação racionalista para e fazerem representar numa sessão preparatória que se deve realizar hoje, pelas 20 horas, no Sindicato Metalúrgico, à rua de Camões, 364. Se por lapso não for convidado qualquer organismo que perfilhe ou adote o método racionalista, fica por esta notificação habilitado a comparecer.

## A polícia em foco

Um acto canibalesco

Mais um caso que nos faz vibrar de indignação e que seria digno de figurar num romance de Ponson:

Há dias deu-se um roubo em Almada, cuja responsabilidade foi imputada a um jovem operário de 17 anos, de nome Mário Augusto de Almeida. Sua mãe, uma mulher pobre mas honesta, duvidosa, talvez, da honrabilidade de seu filho, querendo que inteira luz se fizesse sobre o caso, foi ela mesma entregá-lo ao administrador da localidade para que o interrogasse e lhe desse o destino que a sua isenção ou culpabilidade indicasse. Passou-se isto a 23 do preferito mês. Oito dias depois, o administrador de Almada, ao que parece convencido da inocência do Mário, mandou-o em liberdade. Não teve, porém, o rapaz tempo de sair do edifício, porque o agente Lains, que ali se encontrava, o tornou a capturar e com ele marchou a caminho de Lisboa. Uma vez aqui, conduziu-o à esquadra de Santa Marta, meteu-o num calabouço, junto com outro rapaz também acusado do mesmo delito, e atirou-se a ele com uma fúria tal, socando-o e espinhando-o, que para o reanimarem os policiais daquela esquadra tiveram que o conduzir todo ensanguentado para o ar livre.

Depois desta proeza infame, o agente Lains levou a sua presa para o Governo Civil e durante dias seguidos lá-la transitar por várias esquadras onde foi vítima de diversas agressões. Duma delas foi testemunha o próprio administrador de Almada, que indo um dia à 2.ª secção de investigação, no Governo Civil, ao abrir a porta deparou-se-lhe o agente Lains que tendo o Mário seguro pelas orelhas lhe batia com a cabeça nas paredes.

O pobre preso, completamente arruinado, espectando sangue, proclama a sua inocência. Contra ele não existem provas. Mas o agente Lains, esse canibal, escárnio da espécie humana, para justificar-se, afirma agora que a sua vítima é «legionário vermelho».

A pobre mãe aflita, arrependida já de ter confiado o filho ao que supunha ser justiça, para que lho liberasse do laço infame de gatinho, vê-o agora arruinado fisicamente e acusado de «legionário».

Ela pede-nos que elenemos providências. A quem?... Se a polícia é soberana e mais feroz que a «mais tigrina das camorras»...

Um assalto brutal

Procurou-nos o operário José Pinto Ribeiro, residente na rua Braamcamp, R.F. 2.º dt., a referir-nos que de antemão para ontem, seria meia noite, quando se encontrava deitado com sua esposa, a qual se encontra em adiantado estado de gravidez, um grupo de policiais da esquadra de Santa Marta assaltaram-lhe a casa, forçando-lhe a porta e, sem respeito nenhum pela mulher nem pelo seu estado, arrancaram-no violentamente para fora da cama, chamaram-lhe legionário, espancaram-no e, chegados à rua, mandaram-no embora.

Este caso brutal, exposto assim dum jacto, só um comentário nos sugere: súcia de bestas!

Como estranhar que a casa dum operário, nos tempos que vão correndo, tenha o aspecto dum arsenal, se não existem nenhuma das imunidades que a Constituição do actual regime garante ao cidadão e este, além dum direito que a Constituição lhe confere, tem o instituto de conservação da vida que o aconselha a resistir?

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

Francisco da Silva Figo, de 45 anos, natural de Loures, empregado no comércio e residente na Vala do Carregado, por motivo de serviço dos descarregadores de mar e terra, não se dá bem com alguns dos sócios do sindicato daquela classe, pelo que por vezes tem tido com eles várias questões. Ontem, tendo-se ali encontrado com alguns deles, depois de uma azeda troca de palavras, foi por alvejado com um tiro, cuja bala o feriu de raspão no peito. Pensado na localidade, veio para Lisboa, indo receber curativo ao Banco do hospital de S. José e recolhendo em seguida a casa.

Recolheu à enfermaria de Santo Onofre do hospital de S. José, José Rodrigues Maia, de 56 anos, natural de Aveiro e residente na rua Neves Piedade, E. O, carroceiro, que na rua Barão Sabrosa caiu da carroça de que era condutor, fraturando as costelas.

## O valor dos neo-comunistas

Como o define «La Antorcha», jornal comunista espanhol

De La Antorcha, de 25 de dezembro, órgão do Partido Comunista de Espanha, transcrevemos as seguintes informações sobre a harmonia existente no seio deste partido, o «paladino da unidade das forças revolucionárias espanholas»:

«O nosso partido demonstrou já, no decurso da sua existência, que tem suficiente vitalidade para sair fortalecido de todas as suas crises internas. Apesar da inactividade, que tem sido a característica dos anteriores comités do partido, hoje este encontra-se plenamente reorganizado e em marcha».

«A Agrupação de Madrid foi a que sofreu mais intensamente as consequências da última crise do partido. E também a secção a que pertencem os que constituem a anterior direcção. No entanto existe uma desmoralização geral fomentada por indivíduos a quem o pânico, ou um solene pedantismo convertem em «saboteadores» conscientes do trabalho organizador e político do partido».

«O comité executivo está resolutamente disposto a moralizar disciplinariamente o partido. Seria suicídio que, a pretexto de prestigios adquiridos no velho partido, de antiguidade no número da caderneta, consentissem por mais tempo que esta gente continuasse realizando a sua obra. Contra os saboteadores e semeadores de pânico a direcção actual do partido será inexorável. Um grupo mais ou menos orgânico constituído persiste no seu trabalho de desmoralização do partido. Não há possibilidade de consentir isto por mais tempo».

«O comité executivo ofereceu todos os meios para trabalhar lealmente pelo partido. O que se acolhe a argumentos casuísticos para a sua inação e, além disso, semeia o pânico entre os militantes de «boa-fé» é um contra-revolucionário, o qual, para bem do partido, deve ser expulso do nosso meio».

«Há duas semanas apareceu nestas mesmas colunas a expulsão de Eduardo Castro. Hoje aparecerão outras. Mas não de aparecer mais, incluindo os daqueles que ocupam altos cargos na direcção do partido e que hoje espiritualmente estão fora dele».

«O comité executivo ofereceu todos os meios para trabalhar lealmente pelo partido. O que se acolhe a argumentos casuísticos para a sua inação e, além disso, semeia o pânico entre os militantes de «boa-fé» é um contra-revolucionário, o qual, para bem do partido, deve ser expulso do nosso meio».

«Há duas semanas apareceu nestas mesmas colunas a expulsão de Eduardo Castro. Hoje aparecerão outras. Mas não de aparecer mais, incluindo os daqueles que ocupam altos cargos na direcção do partido e que hoje espiritualmente estão fora dele».









## Luta porfiada dos tóxeis indianos contra a redução dos salários

O operariado tóxi de Bombaim vive em piores condições do que o operariado de qualquer outro centro industrial da Índia. Nem sequer usufrui de um regime de trabalho normal e a forma de pagamento do salário constitui motivo de odiosa especulação dos capitalistas. Sendo admitido numa fábrica o operário só começa recebendo salário ao fim de seis semanas, e apenas a quantia correspondente a um mês de trabalho. Desta maneira, os patrões conservam sempre em seu poder a quantia que corresponde a duas semanas de trabalho, assim criando ao operariado uma situação desfavorável.

O alojamento também serve de pretexto à especulação dos industriais. Uma família numerosa, composta, às vezes, de dez pessoas, mora quase sempre em um único compartimento. Estes alojamentos são dados aos operários pelos capitalistas, que assim, possuem uma traiçoeira arma para inutilizar qualquer resistência que os operários tentem contra a sua péssima situação econômica.

A mortalidade é devastadora—médias de seis por cento sobre os adultos e de oito por cento sobre as crianças. E como se não bastasse a gravidade desta situação, os patrões reduziram, na primavera de 1924, os salários de vinte por cento. Os operários resistiram a esta extorsão, mas a sua resistência foi aniquilada, após três meses.

A falta de organização sindical e o desconhecimento dos métodos revolucionários da luta econômica embaraça e, muitas vezes, inutiliza os esforços das classes que lutam.

A pesar destas falhas, o operariado de Bombaim nunca afrouxa a resistência. Há meses, os patrões da indústria têxtil tentaram reduzir novamente os salários de onze e meio por cento. Como resposta, o operariado proclamou imediatamente a greve geral.

Desde 15 de Setembro, encontram-se fechadas 84 fábricas e um efectivo de 250.000 tóxeis se encontram agora em porfiada luta contra a pretendida redução. Os grevistas têm abandonado, em massa, os alojamentos que lhes são concedidos pelos capitalistas; outros foram deles expulsos, sob o pretexto de não pagarem as rendas. Logo no primeiro mês de greve, haviam saído de Bombaim para as vilas próximas três quartas partes da totalidade dos trabalhadores tóxeis.

A data das últimas notícias, recebidas em Dezembro, a luta continuava com ardor. As autoridades procuram dificultar a recepção e distribuição de grandes donativos enviados por organismos sindicais de diversos países.

## Secção Telegráfica

### Federações

#### MOBILIARIA

Sindicato do Porto. — Digam com urgência se querem as cadernetas, ou também selos e verbetes, e quantos.

Cesteiros de Gonçalo. — É conveniente informarem do que passa.

## O apelo da A. I. T. pró-anarquistas búlgaros

Chegou-nos a primeira resposta ao apelo que aqui publicamos, em que a A. I. T. pede solidariedade para os anarquistas búlgaros que sofrem as atrocidades dos países que implantou o crime como principal instrumento político da sociedade predominante. Essa resposta veio-nos do Sindicato dos Trabalhadores de Graça do Divor. Os componentes daquele organismo rural, reunidos em sessão resolveram enviar um protesto ao consulado da Bulgária contra os crimes praticados pelo governo do país que representa. No final da sessão foi feita uma «queixa» pró-anarquistas (búlgaros que rendem 10550).

## O ALMANAQUE DE "A BATALHA"

O Almanaque de «A Batalha» para 1926 é de indiscutível interesse para os militantes operários e de utilidade manifesta nas bibliotecas de todos os sindicatos. Nas suas 192 páginas encontra-se, além de tudo quanto é imprescindível ao almanaque, matéria muito interessante e útil para a organização operária. O ensaio de Alexandre Vieira, que o autor intitulou Subsídios para a história do movimento sindicalista em Portugal, é um trabalho cuja necessidade há muito se reclamava. A história do movimento operário desde 1908 a 1919 está ali condensada, registada com verdade e imparcialidade e servirá de base a uma futura desenvolvida história sobre o movimento operário português. As centenas de efemérides operárias de 1919 a 1925 são como que o complemento do estudo de Alexandre Vieira, isto é, são como que a continuação da história do movimento sindicalista até ao momento presente. Essas efemérides recordam os factos mais importantes ocorridos de fevereiro de 1919 a junho de 1925 servindo de proveitoso guia a quem venha a abalancar-se a fazer a história do nosso movimento operário.

O presente número do Almanaque de «A Batalha» vem confirmar a necessidade, sentida por muitos mas só agora satisfeita, duma publicação em que anualmente se registassem os factos mais importantes da vida sindical em Portugal.

Pena foi que essa aspiração só este ano pudesse ter tido realidade, porque a acumulação de matéria que imperiosamente devia figurar no primeiro almanaque prejudicou de certo modo o desenvolvimento que muitos dos factos ocorridos mereciam. Era preciso um grande poder de síntese para coordenar nas suas 192 páginas toda a vida operária de sete anos, e isso foi satisfatoriamente atingido no Almanaque de «A Batalha» para 1926.

Que o Almanaque de «A Batalha», iniciado este ano, é uma publicação necessária e desejada, di-lo a procura que o 1.º volume tem tido; e como dele se fez uma tiragem reduzida, aos morosos lembramos, para seu interesse, a conveniência de o pedir imediatamente à nossa administração.

## Um mestre de obras ganancioso ocasiona a morte de dois operários e ferimentos gravíssimos a outros dois

PORTO, 5. — A história triste do Trabalho acaba de sofrer mais uns salpicos de sangue... embora um pouco das responsabilidades—idoloso e confesso!—vá para as próprias vítimas...

A tragédia é fulminantemente simples: quatro operários, António Rodrigues da Silva, Manuel Leite Pinho, António Seabra e Francisco Salgueiro—trabalhavam em cima duma prancha, à altura de dois andares dum dos edifícios em construção na rua das Valas.

Outros trabalhadores guindavam para as águas furtadas uma grande pedra já lavrada. Ai pelas alturas das 15 horas e pico, o cabo partiu-se e a pedra foi derrubar a prancha e esmagar os desditosos pedreiros que nela angariavam o pão cotidiano das suas famílias...

Pela cidade, nos pontos mais vistosos da vida humana, costumam atravessar, com a rapidez do raio, auto-matras, «side-cars» de beneficência policiais e uma infinidade de «cruzes» de diferentes cores—mais para mostrarem a elegância dos seus veículos em cima dos quais passeiam, joviais, os seus condutores, do que para o necessário e pronto socorro dos infelizes...

Não houve telefones, telégrafos, rádios que fizessem aparecer, veloz, um desses carros de socorro...

Um automóvel que passava, conduzindo gente rica, não obedeceu aos sinais de paragem: os vestidos, as roupas finíssimas dos capitalistas não se podem manchar com o sangue plebeu derramado pelos desastres horríveis do trabalho...

Só houve este recurso supremo: pegar nos quatro infelizes e atirá-los para cima dum saco de sal que uma «camionette» carregava—como farrapos humanos sem importância, como cães réprobos a inspirar náuseas...

E depois? E depois... a morte horrível de António Rodrigues e António Seabra, e o emocionante sofrimento, na sala das Observações do hospital da Misericórdia, das outras duas vítimas em perigo de vida...

E depois... a averiguação revoltante de que o terrível desastre fora devido à odiosa ganância do mestre de obras José Xavier de Barros, o qual, tendo em pouca conta a vida dos trabalhadores, tinha o serviço material deteriorado a um cabo ameaçando ruína e que já de manhã fora emendado na previsão de um desastre... A tarde, rebentou, originando a tragédia... O referido cabo já ficou na polícia, todo pôde, a abrir-se por todos os lados...

Além do público, a própria autoridade policial reconhece que o sinistro fora culpa do desleixo e da ganância do explorador. O desleixo e a ganância do explorador, que fugiu ao dar-se o desastre, é condenável—mas condenável também—sejam francos—é o idêntico desleixo do proletariado que não toma em conta estes tristíssimos, funestíssimos exemplos de todos os dias...

Se o proletariado tivesse um pouco de cuidado consigo mesmo; se tivesse uma melhor noção dos seus direitos—certamente que se recusaria a trabalhar em tão péssimas condições de segurança como o faz os desastres ocorriam em diminuíssima, rara percentagem. Mas como é o primeiro a desprezar a observância da segurança do trabalho, resulta que as tragédias do trabalho são sucessivas a ensanguentar a sua trágica história...

## SOLIDARIEDADE

### Pró-Casimiro Firmino

Como estava anunciado era no próximo dia 9 que devia realizar-se a festa em benefício deste camarada, que há longos meses se encontra impossibilitado de angariar os meios necessários para se manter bem como a sua família.

A comissão, por motivos imperiosos, vê-se obrigada a comunicar as camaradas que a festa não se realiza, ficando à consciência das camaradas que ainda não prestaram contas dos bilhetes fazerem-no o mais breve possível porque este camarada está bastante necessitado.

Mais se previne os camaradas que queiram contribuir semanalmente, que se encontra uma lista na sede do S. U. do Mobilário, travessa da Agua de Flor, 10, 1.º.

Ainda conserva a oferta de 120\$00 o corte de fato preto que o nosso camarada Felix António Fernandes ofereceu para ser vendido pelo maior lucro revertendo o seu produto para os presos por questões sociais.

Se durante esta semana não obtivermos oferta superior será entregue por aquela quantia.

## CRISE DE TRABALHO

### Conserveiros de Peniche

O Sindicato dos Conserveiros de Peniche sabendo de que andam na sua localidade algumas criaturas pedindo trabalho para diversos soldadores do Algarve, extranha que estes se não tivessem dirigido ao sindicato pois só este poderia dizer se havia ou não lugares.

O mesmo sindicato avisa todos os soldados do país para não irem procurar trabalho a Peniche visto ali já existirem, devido crise, soldadores com colocação.

## Pintores da Construção Naval e Anexos

Na assembleia ultimamente realizada, como meio de obviar à grande crise que a classe vem sofrendo, foi resolvido que de futuro os sindicatos e federados não trabalhem com o que o não sejam.

Também a comissão administrativa reuniu e resolveu convidar todos os associados a inscreverem-se na lista dos sem trabalho a fim de se lhes arranjar colocação. A comissão protestou contra a atitude do mestre António Torcato que deslocou 4 sindicatos de bordo do Pangim só porque aqueles não eram de sua simpatia, isto depois de conhecer os trabalhos realizados pelos delegados sindicais e delegados da F. M. para execução do novo regulamento de trabalho.

## A falsa necessidade da existência dum governo

## A convicção que da capacidade das massas têm as classes exploradoras

Em geral todos aqueles que têm qualquer privilégio a defender, ou supõem vir a tê-lo, dentro da sociedade actual, não se cansam de afirmar que é absolutamente necessária a existência dum poder que, por meios adequados, mantenha em respeito a «besta popular», porque, o dar-se largas aos seus «instintos de ferocidade», representaria a subversão da civilização presente.

Contudo, não obstante tal afirmação, na prática todos os defensores do regime capitalista comportam-se de forma a demonstrar que têm uma ideia muito diversa desses «instintos ferozes» das massas populares.

Pela forma como as tratam, estão absolutamente convencidos, quanto a nós, que nelas existe profundamente acentuada a tendência para a vida pacífica e socegada, e que só em casos muito excepcionais, depois de ferozmente fustigadas e vilmente espiadas, é que se decidem a travar uma luta de vida ou de morte com os seus implacáveis algozes.

E se não pensassem assim, como se atreveriam eles a cometer a série interminável de crimes e de abusos, que a toda a hora estão pondo em prática?

Se soubessem que existia, realmente, a tal «fera» pronta a atirar-se ao primeiro gesto provocador, como usariam eles, por exemplo, elevar continuamente o custo dos géneros de primeira necessidade, embora o poder de compra dos trabalhadores se conserve estacionário, não lhes permitindo assim acompanhar essa fantástica subida, que para eles representa a condenação à morte, lentamente, pela fome e pela consunção?

E como teriam, também, a coragem,—depois de terem os cofres a abarrotar de ouro, amassado com o suor e com o sangue dos trabalhadores,—fechar-lhes as portas das fábricas, e atirá-los à rua, negando-lhes assim o direito de produzir para viver?

Se procedem deste modo é porque estão absolutamente persuadidos que, a pesar-desses ultrajes, ainda é possível que as massas exploradas, pela sua mansidão natural, se conservem pacificamente à espera de melhores dias.

Portanto a burguesia e os seus lacaios na imprensa mentem conscientemente, quando dizem ser necessária a existência dum poder que refreie os impetuos brutais da «besta popular» e quando tal afirmam, pretendem simplesmente ter sempre prontos à sua disposição contingentes de força armada, que lhes permitam roubar e tripudiar à vontade sempre com as costas quentes para o caso—bastante raro—de contra eles se revoltarem as populações martirizadas.

Mas com isto que estamos expondo não queremos fazer de forma alguma o elogio da passividade das massas, porque sabemos muito bem que se realmente existisse a tal «fera» sempre pronta a saltar, assim que a pisassem, a humanidade viveria a estas horas muito mais feliz.

Desejamos simplesmente chamar a atenção para o facto de que o povo trabalhador, a pesar de todos os maus tratos e privações sofridas, só muito raramente é que recorre à violência, para se defender, outo-ma a ofensiva; e por conseguinte numa sociedade em que fossem igualmente respeitados os direitos à vida de todos os seus membros, com mais forte razão se entregaria ele a uma vida de paz e socção, não precisando portanto de freios, nem de governantes para o meterem na ordem.

A. B.

## Famílias dos deportados e presos

Pedem-nos que convidemos as famílias dos presos e dos deportados a reunirem-se, às 20 horas, na calçada do Combro, 38-A, 2.º, para assunto muito importante e inadiável.

## Viúvas e órfãos de bombeiros

### O sarau a seu favor, no Coliseu dos Recreios

O nosso público, sempre ansioso de assistir a bons espectáculos e também sempre pronto a concorrer para obras beneméritas e altruístas, tem secundado da maneira mais cativante a excelente iniciativa da comissão do sarau que hoje se realiza no Coliseu dos Recreios a favor das viúvas e órfãos de bombeiros municipais. Realmente nunca uma festa de beneficência despertou maior interesse, sendo a procura de bilhetes verdadeiramente extraordinária, e se não fosse a vastidão da magestosa sala de espectáculos, impossível seria atender uma parte dos pedidos endereçados à comissão.

O programa é deveras sensacional, pois além dos emocionantes saltos da cúpula para a pista pelos arrojados bombeiros municipais José António Barbosa e António Martins Moreira da Silva, haverá: exercícios com pesos e alteres, pelo atleta sr. Virgílio Fernandes; patinagem artística, pelo desportista sr. Germano de Magalhães e a sua discípula «mademoiselle» Clara Bermudes; argolas, pelos amadores srs. Manuel Vassallo de Araújo e Daniel António Lopes, e jogo de pau pelo professor sr. António Lapa e o seu discípulo sr. Joaquim Ramalhe, todos do Lisboa Gimnástico Clube.

Os engraxados «clowns» Martinettes e Ataliaes executarão dois intermédios cómicos, que vão produzir permanente hilaridade.

Dos nossos artistas dramáticos tomam parte, entre outros, as actrizes Cremilda de Oliveira e Luísa Satanela e os notáveis comediantes José Alves da Cunha e Alexandre de Azevedo que gentilmente dão o seu valiosíssimo concurso ao beneficente espectáculo.

A Companhia Carris de Ferro, ao terminar o espectáculo, terá carros no Rossio e praça dos Restauradores para todos os pontos da cidade, o que representa uma enorme comodidade para o público, visto a festa terminar depois da hora normal.

Os retardatários não devem demorar-se a requisitar bilhetes, visto já poucos restarem e poderem ainda hoje ser reclamados no quartel de bombeiros da avenida Presidente Wilson, das 12 às 17 horas, ao presidente 339 Trindade.

## AS GREVES

## Um apelo da Associação das Chacinheiras de Aldegalega em favor das heróicas grevistas

O heróico movimento das chacinheiras de Aldegalega, iniciado há mais de 3 meses, prossegue corajosamente com o ardor do primeiro dia. Mas se as grevistas não lhe falta energia para lutarem, falta-lhes, contudo, os meios de subsistência para viverem, pois há muitas semanas que não recebem um centavo.

Para que esta luta possa manter-se, para que as valorosas mulheres possam levar até ao fim o seu movimento que tem assumido os mais preparados para estes grandes lances que são as greves, a Associação de Classe das Operárias Chacinheiras de Aldegalega pede-nos a publicação do apelo abaixo inserto, o que gostosamente fazemos:

«A greve das chacinheiras de Aldegalega, iniciada há mais de três meses com invulgar coragem que muito dignifica uma classe, prossegue corajosamente. Se as grevistas se animam a indomável desejo de vencer, se as corajosas lutadoras não lhes falta nem coragem, nem decisão, falta-lhes, no entanto, com que matar a fome e às suas proles, falta-lhes, contudo, recursos com que possam fazer face à miséria que já invadiu os seus lares. Três meses de luta, neste período difícil, só podem ser vencidos com muita heróica, só podem ser galgados com intenso estoicismo.

A Associação de Classe das Operárias Chacinheiras, signatária deste apelo, está exausta de finanças. O seu cofre está vazio, não tem sequer o necessário para as despesas ordinárias. Por esse motivo o apelo para que as grevistas sejam enviados recursos para viverem, o apelo para que as chacinheiras lhe seja dado alento para prosseguirem na luta é, não só justíssimo, como até humano. Mas se a solidariedade da classe operária, mas se o auxílio de todas as pessoas de bem se fizer esperar a greve correrá o perigo de sosbarrar, as grevistas correrão o perigo de ser vencida pela fome, a sinistra arma que neste momento mais aproveita aos industriais!

Se a classe operária, se os trabalhadores de todo o país desejam evitar que as 900 grevistas se rendam amanhã por terem fome, não façam demorar o seu óbulo, não esperem para amanhã, podendo hoje enviar o seu auxílio.

Todos os donativos e qualquer auxílio deve levar o seguinte endereço:

Associação de Classe das Operárias Chacinheiras—Aldegalega.

## FESTAS ASSOCIATIVAS

## O Sindicato da Construção Civil da Guarda comemorou o aniversário da sua fundação

GUARDA, 5. — Comemorando o 1.º aniversário da fundação do Sindicato da Construção Civil desta cidade, realizaram-se no dia 1.º do corrente duas sessões solenes na sede daquele organismo operário. A primeira teve início às 13 horas e foi presidida pelo camarada José Joaquim Neto, que foi secretariado pelos camaradas Ernesto Pereira e Américo Silva.

Lido o expediente que constava de alguns officios de saudação ao organismo em festa, usaram da palavra, entre outros, o camarada Ernesto Pereira, que num largo discurso descreveu minuciosamente todas as fases por que tem passado o Sindicato da Construção Civil e demonstrou as vantagens do Sindicato para as classes operárias.

Terminou apresentando uma moção que concluiu assim:

1.º. O proletariado da Guarda saúda A Batalha, a C. G. T., todas as vítimas da reacção capitalista e as vítimas que se encontram detidas nas bastilhas imundas da República. 2.º. Mais uma vez protesta contra as deportações e reclama das autoridades competentes o regresso imediato daquelas que estão sendo alvos de uma vingança reacçãoária. 3.º. O proletariado da Guarda envia saudações ao proletariado mundial e faz votos porque o ano de 1926 seja para as lutas proletárias um foco de prosperidades.

Em seguida foi encerrada a 1.ª sessão aos vivas à A Batalha, C. G. T., A. I. T., emancipação dos trabalhadores, F. C. C. e Revolução Social.

A 2.ª sessão comemorativa da fundação do Sindicato da Construção Civil abriu às 19 horas do mesmo dia. Presidiu o camarada Mário Ferreira, secretariado Ernesto Pereira e João Marques. Depois de dada a posse à nova direcção daquele sindicato, usou da palavra Ernesto Pereira, secretário geral, que em breves palavras explicou o programa de trabalhos que tenciona realizar, os quais muitos benefícios trarão à classe.

Falou em seguida José Joaquim Neto, um dos eleitos, referindo-se também aos propósitos que o animam no cargo para que o elegeram, encerrando-se em seguida a sessão aos vivas à organização operária, etc.—C.

## Sciência e Indústria

REVISTA mensal de vulgarização científica e ensino técnico, dirigida pelos ilustres engenheiros V. Taborda Ferreira e R. Soares da Costa. Acaba de ser posto à venda nas LIVRARIAS e TABACARIAS o n.º 1—Janeiro, que abrange 24 páginas de texto e 36 gravuras. Preço avulso, 35\$00. Por assinatura: 3, 6 e 12 meses, respectivamente, 10\$50, 21\$00 e 42\$00.

Pedidos à Livraria Sá da Costa, Poço Novo, 24, Telefone T. 384, onde se dão catálogos de livros técnicos.

## LER E ASSINAR

### Os Mistérios do Povo

## Vida Sindical

### COMUNICAÇÕES

Vendedores de Jornais.—Reuniu ontem a direcção deste sindicato tendo resolvido convidar o 1.º secretário a reunir no próximo domingo, pelas 17 horas, juntamente com os restantes membros da direcção, a fim de prestar contas e a entregar os documentos que tenha em seu poder. A direcção resolveu ainda realizar brevemente uma assembleia geral para apreciação de contas e eleição da nova direcção.

Empregados menores do comércio e indústria.—Aprovou um novo projecto de estatuto pelo qual passa a denominar-se Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria de Lisboa, resolvendo que a actual direcção se conserve até à próxima assembleia geral para eleição dos corpos gerentes.

S. U. C. C.—Secção de Pedreiros.—No-meio dos seguintes corpos gerentes para 1926: comissão administrativa: 1.º secretário, Aníbal de Almeida; 2.º secretário, Américo Ferreira; tesoureiro, Francisco dos Anjos; vogais, Joaquim Alves e Augusto Pires. Conselho técnico: João Caldeira e António Nunes Loureiro. Conselho de secções: Guilherme Artibeiro e Mário Graça. Comité da casa: Mário Ferreira e Artur da Silva Carvalhais. Comissão escolar: Tibério Caldeira, Artur da Silva Carvalhais e Guilherme Artibeiro. Comissão revisora de contas: Guilherme Artibeiro, Cândido Augusto Pires e Mário Graça. Mesa da assembleia geral: Luís dos Santos e José Caldeira.

Nesta assembleia foi apreciada a atitude do delegado do Tribunal dos Arbitros Avindores, que foi aprovada.

S. U. Mobiliário.—Reuniu a assembleia geral deste organismo. Lido o expediente, entre o qual consta um officio da Cooperativa dos Chauffeurs Lisbonenses agradecendo a cedência da sala das sessões para esses camaradas reunir, foi resolvido officialmente a Federação das Juventudes Sindicadas comunicando-lhe não poder dispor de verba para auxiliar a efectivação do congresso juvenil, ficando a cargo dos jovens da indústria com a comissão administrativa o estudar a melhor forma de angariar receita para esse fim. Em seguida procedeu-se à eleição dos novos corpos gerentes para 1926 ficando assim constituídos: Secretário geral, Alvaro Vasques; secretários administrativos, Gabriel Antunes e Alberto Silva; arquistas, Vitor Costa; tesoureiro, Joaquim Marques; vogais, Manuel Mendes e Matos Guerra. Caixa de solidariedade: António Cordeiro, João Rodrigues Matias e Manoel Cardoso. Secretários da mesa: José Dias Lobo e Jorge Figueiredo. Comité da Sede: Vitor Costa, Luís Costa e Carlos Gil. Delegados à Federação: Gaspar Nunes, A. F. Henriques e Manuel Caetano; delegados à C. S. T., Joaquim Ribeiro, Manuel Caetano e Carlos Gil; comissão de melhoramentos, Francisco Assis, Alfredo Martins, Dedalo Leitão, Jorge de Figueiredo, Manuel Nunes e Serafim Rodrigues. Em virtude de ainda não estar concluído o relatório da comissão administrativa foi lido o relatório da comissão de resistência e após várias discussões foi aprovado. Foi resolvido que se officias a vários camaradas que se encontram em atraso de cotas para que não sejam privados dos seus direitos de sindicados, e foi resolvido convidar os que foram ao congresso confederal a apresentar o relatório do mesmo. Manuel Nunes pediu a demissão de componente da comissão revisora dos estatutos em virtude do seu estado de saúde. Foram nomeados, M. Caetano, C. Gil e Alvaro Vasques para levar a efeito a comemoração do aniversário do sindicato e ficando resolvido que a próxima assembleia se realize no dia 9 do corrente.

### CONVOCAÇÕES

#### REUNEM-SE HOJE:

Federação Metalúrgica.—A's 20,30 horas, o Conselho Federal com a seguinte ordem dos trabalhos: Apreciação do relatório do delegado ao norte e dos officios da Federação Metalúrgica de Berlim e preenchimento de cargos vagos. Torna-se necessária a presença de todos os delegados.

Pessoal do Tráfego do Porto de Lisboa.—A's 8 horas da manhã, para assunto importante e urgente.

S. U. da Construção Civil.—Secção dos Canteiros e Polidores de Mármore.—Pelas 21 horas a comissão organizadora da Conferência dos Canteiros.

Secção de Belém.—A's 20,30 horas a posse da comissão administrativa que lhe será dada pela sua antecessora.

Federação da Construção Civil.—Para se ocupar de assuntos de grande importância, pelas 20 horas, o Conselho Federal e conjuntamente todos os delegados da Bóia de Trabalho e Solidariedade.

S. U. Metalúrgico.—Pelas 20,30 horas, em reunião conjunta, as comissões administrativas e a nomeada na última assembleia.

Pessoal da Fábrica Vulcano.—A's 17,30 horas todo o pessoal da Fábrica Vulcano, para apreciar a baixa de salários que a empresa pretende levar a efeito.

Secção do Alto do Pina.—Pelas 20 horas a comissão administrativa e todos os militantes desta área.

Manipuladores de pão.—A's 15 horas, todos os militantes da classe e a comissão revisora de contas da caixa e das últimas direcções.

#### DIAS PRÓXIMOS:

Federação Mobiliária.—Devido à assembleia do Sindicato Mobiliário não se pôde realizar o conselho federal o qual se realiza na próxima sexta-feira impreterivelmente.

Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pina.—Por motivo de força maior não se realizou a reunião desta comissão, ficando transferida para amanhã, às 20 horas, devendo comparecer a comissão organizadora da secção dos manipuladores de calçado desta área.

Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal e Similares.—O secretário, amanhã às 18,30 horas.

S. U. da Construção Civil.—Comissão escolar—Reúne amanhã, para assunto urgente.

Secção do Alto do Pina.—Por motivo da reunião do conselho administrativo do Sindicato, a reunião da comissão administrativa e delegados ao conselho técnico e

## As manobras da imprensa burguesa e da polícia em face dos protestos justos dos que têm consciência

Os leitores não de reparar: sempre que se intensifica um protesto contra as iniquidades cometidas pelos janizários da polícia ou pelos pretorianos da guarda, verberando o que de infame e covarde representa o «acto» canibalesco das agressões a trabalhadores que reclamam pão ou liberdade ou ainda atacando o regime por não respeitar a sua lei básica, edita a «lei de fugas» espanhola e institui a pena de morte por deportação para terras mortíferas—e o referido protesto começa a calar fundo no sentimento do povo levantando em clamor unânime o grito contra a injustiça perpetrada—na imprensa burguesa, mais ou menos subornada pela polícia e obedecendo aos seus informes «jornalísticos», uma coisa surge a mudar o sentido e o rumo ao referido protesto, abafando-o, às vezes, por algum tempo!

Referimo-nos às notícias que então esses papéis-culcos, traíndo a sua missão social, publicam—fazendo alarde à por vezes «voluntária» prisão de qualquer indivíduo que, fazendo parte da «famigerada» legião vermelha, se prontifica a fazer declarações sensacionais.

Então, são essas notícias acompanhadas de grandes encómios ao tenente-coronel Ferreira do Amaral, o homem do dia e da noite, que para sossegado da família trabalhadora há muito devia ser posto à margem, por seus ataques de «javeri» não fazerem mais que arrastar o país para o último acto de uma tragédia igual à do 2 de Fevereiro de 1908... e do 5 de Outubro de 1910—nessa altura com consequências bem mais diferentes.

Podem os jornais serem pequenos. E suas colunas serem mais úteis à propaganda da educação do povo inculto. Entretanto, essas notícias dimanadas do governo civil, após o «truco» e o «jogo» que convém, são enquadradas a negro, para destaque, a ferir a retina dos que não alcançam o infame propósito e os desígnios saídos desta gente emporcalhada nas diversas edições das notas falsas que circulam.

Há tempos, foi um gafado jovem que se «passou» para a polícia—e que, na véspera de protegidamente sair mar fora em demanda duma colocação conseguida por processos miseráveis, fez declarações atinantes a ser levantada a campanha contra os infelizes que morrem em África chorando inocentemente um crime que a outros pertence, pois sem serem julgados e condenados sofrem já os horrores do cativo!

Depois, quando fô os intelectuais vieram a público com um manifesto desassombrado, a exigir justiça em pugna pelos «direitos do homem»—é no Porto que se apresenta um trabalhador, fazendo também declarações sensacionais sobre a legião vermelha e que em seguida foi remetido para Lisboa, às mãos hábeis dos xefes Xavieiros...

Mas, estes processos tinham de falir em frente da verdade! E têm succumbido todos—vindo a lume pela pena dos que labutam honradamente toda a verdade dos factos: são sempre «escrotes» que servem à polícia... e da polícia se servem, mentindo como «perros», e que pelo papel desempenhado ganham uns pares de notas talvez do Angola e Metrópole, para honra e glória desta maldada república de bandeirões e sacripantas!

### Adolfo de FREITAS

#### O SINDICALISMO EM MARCHA

## Fundou-se o Sindicato Misto dos Operários de Loanda

LOANDA, 13 de dezembro.—Finalmente! A classe operária de Loanda saiu da apatia em que há longos anos se encontrava. Nesta senda de terrorismo criado pelo ex-sobá Norton de Matos, só depois de mil sacrificios se conseguiu que a classe operária se compromettesse de que a organização sindicalista é o único caminho que conduz à emancipação dos trabalhadores.

A reunião que se efectuou na sala do Sporting Club desta cidade para a fundação desse sindicato teve a animação de uma grande concorrência. Depois dum membro da comissão organizadora do sindicato ter explicado em meia dúzia de palavras os fins da reunião, foi indicado para presidente João Viriato Rosa, secretariado António dos Santos e Manuel da Cruz. Passa-se a seguir à leitura dos estatutos do Sindicato Misto dos Operários de Loanda que, após acalorada discussão, foram aprovados por unanimidade.

Este facto encheu-nos a todos nós de regozijo. Ox